

SIGNIFICAÇÕES CULTURAIS: TEMATIZAÇÃO E FIGURATIVIZAÇÃO EM VENTOS DO APOCALIPSE, DE PAULINA CHIZIANE

CULTURAL MEANINGS: THEMATIZATION AND FIGURATIVIZATION IN VENTOS DO APOCALIPSE, BY PAULINA CHIZIANE

SIGNIFICATIONS CULTURELLES: THÉMATISATION ET FIGURATIVISION DANS LES VENTS D'APOCALYPSE, PAR PAULINA CHIZIANE

Waldelange Silva dos Santos

Secretaria do Estado de Pernambuco/SEDUC-PE

waldelange@hotmail.com

Sumário. Significações Culturais em Ventos do Apocalipse; Significação Temático – Figurativo na narrativa africana; O marido Cruel; Mata, que amanhã faremos outro; Tematiza A ambição de Massupai; ; Maxwela Ku hanya! U ta sala u psi vona (Nascestes tarde! Verás o que eu não vi); A siku ni siki li ni psa lona (Cada dia tem sua história); Conclusão; Referências Bibliográficas.

Resumo. O presente trabalho constitui uma análise temático-figurativo do romance moçambicano Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane. Partimos da hipótese de que, no texto em voga, a narrativa contística funciona como inscrição da tradição oral moçambicana e, para tanto, a presença de figura e temas se instauram como fortes marcações textuais em narrativas desta natureza. É sabido, ainda, que tais características inserem a obra Ventos do Apocalipse como liame genealógico transcultural com uma estética plural, cuja representação cultural a perfaz cosmopolita radicando, assim, a escrita de Paulina Chiziane. Desse modo, este estudo tem como objetivo principal analisar os procedimentos discursivos de tematização e figurativização instaurados no compósito textual. Ancorados nos estudos da Semiótica das Culturas (considerando seus aspectos culturais, interculturais e transculturais), a presente proposta irá verificar as proximidades e distanciamentos culturais das figuras e dos temas, bem como seus modos de representação dentro da obra. A escolha da obra justifica-se, ainda, considerando toda a complexidade estrutural, bem como as relações polissistêmicas culturais na qual defluiu a inscrição da narrativa literária enquanto popular.

Palavras-chave: Semiótica das Culturas, Ventos do Apocalipse, Tematização, Figurativização.

Abstract: The present work constitutes a thematic-figurative analysis of the Mozambican novel Ventos do Apocalipse, by Paulina Chiziane. Based on the hypothesis that in the text in vogue, the short story works as an inscription of the Mozambican oral tradition and, therefore, the presence of figures and themes are established as strong textual markings in narratives of this nature. It is also known that such characteristics insert the work Ventos do Apocalipse as a transcultural genealogical link with a plural aesthetic, whose cultural representation makes it cosmopolitan, thus rooting the writing of Paulina Chiziane. Thus, this study's main objective is to analyze the discursive procedures of thematization and figurativeness introduced in the textual composite. Anchored in studies of the Semiotics of Cultures (considering their cultural, intercultural and transcultural aspects), this proposal

will verify the cultural proximities and distances of figures and themes, as well as their modes of representation within the work. The choice of the work is also justified considering all the structural complexity, as well as the polysystemic cultural relations in which the inscription of the literary narrative flows as popular.

Keywords: Semiotics of Cultures, Winds of the Apocalypse, Thematization, Figurativization.

Résumé : Le présent travail constitue une analyse thématique-figurative du roman mozambicain *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane. Partant de l’hypothèse que dans le texte en vogue, la nouvelle fonctionne comme une inscription de la tradition orale mozambicaine et, par conséquent, la présence de figures et de thèmes s’établit comme des marques textuelles fortes dans les récits de cette nature. On sait également que de telles caractéristiques insèrent l’œuvre *Ventos do Apocalipse* comme un lien généalogique transculturel avec une esthétique plurielle, dont la représentation culturelle la rend cosmopolite, enracinant ainsi l’écriture de Paulina Chiziane. Ainsi, l’objectif principal de cette étude est d’analyser les procédures discursives de thématisation et de figurativité introduites dans le composite textuel. Ancrée dans les études de la Sémiotique des Cultures (considérant leurs aspects culturels, interculturels et transculturels), cette proposition vérifiera les proximités et distances culturelles des figures et des thèmes, ainsi que leurs modes de représentation au sein de l’œuvre. Le choix de l’œuvre est également justifié compte tenu de toute la complexité structurelle, ainsi que des relations culturelles polysystémiques dans lesquelles l’inscription du récit littéraire coule comme populaire.

Mots clés: Sémiotique des Cultures, Vents de l’Apocalypse, Thématisation, Figurativisation.

1. Significações culturais em “*Ventos do Apocalipse*”.

No Prólogo da obra *Ventos do Apocalipse* (1999), tem-se uma pequena história inaugural, na qual o Destino descreve o rito da tradição moçambicana de contar histórias. Apresentada no início da obra, o texto se propõe a introduzir na narrativa romanesca o tradicional “*KARINGANA WA KARINGANA*”, cuja tradução é “Era uma vez...”, tão utilizado no início das chamadas narrativas de Trancoso ocidentais sejam elas orais ou não.

É sabido que a tradição africana vive da palavra. São as palavras cantadas que ensinam, são as palavras contadas que criam os valores e motivam para o trabalho, para a luta ou para a festa. São palavras vivas na boca dos velhos contadores de histórias, recriando o mundo à medida da imaginação e da arte. Uma herança viva da ancestralidade.

Através das histórias, mostram-se a sabedoria e o conhecimento por gerações. A narração oral da história foi aspecto essencial para que se conservasse a tradição dos mitos e das lendas das culturas tribais e nativas. Os contadores de história, também chamados de *griots*, criam um vínculo, uma ponte entre os ensinamentos tradicionais e o momento presente, mantendo a herança da identidade que serve de suporte às manifestações culturais, étnicas e religiosas.

Desde muito tempo, na África, todas as comunidades e culturas tribais tinham seus contadores de histórias - homens, especialmente, embora também houvesse mulheres. Os requisitos principais para ser um contador era dedicar-se a conhecer as histórias de sua comunidade, dos seus ancestrais, da mitologia, da cosmologia e, naturalmente, ter dons espirituais e de oratória aceito pelos anciões. O contador de história na África, não só tem que tornar o ato de contar histórias um hábito de diversão, como também, através delas, ensinar as crianças e os jovens a aplicarem os ensinamentos dessas histórias em sua própria vida e a perpetuarem as tradições da oralidade.

1.1. A significação Temático-figurativa na narrativa africana

De grande importância para um texto, os temas e as figuras são sinais e símbolos culturais criados para expressar ideias, valores e produtos culturais. As figuras foram utilizadas para exercerem atração mais ampla e de maior potência cultural, além de nos remeterem ao(s) tema(s) presente(s) no discurso. Também chamado de iconização, a figurativização do texto poderá determinar se ele é, predominantemente, figurativo ou predominantemente temático. No texto em análise, tem-se a figura do *griot*, ou contador de histórias que remete à temática da sabedoria, uma vez que cabe ao *griot* a passagem dos ensinamentos de um povo às crianças, mediante as histórias contadas. Pode-se afirmar que esta figura assumirá o papel de informação cultural, pois sua função no texto é carregada de simbolismo quando combinada com outras figuras.

Outro tema ali presente é a morte, figurativizada “...nos corpos cansados debaixo da figueira enlutada que derrama lágrimas pelos filhos abortados” (CHIZIANE, 1999, p. 15). A importância da árvore (representada pela figueira) será mais detalhadamente explanada, uma vez que está associada aos aspectos étnicos e culturais deste povo. No decorrer do texto, a temática da morte está ainda figurativizada em “*A vida germinou, floriu e chegamos ao fim do ciclo*” (CHIZIANE, 1999, p. 15). O “fim do ciclo” se refere à morte, a qual é sempre abordada, de forma natural para o povo moçambicano, pelo aspecto cíclico.

Outra figura responsável pelos efeitos de sentidos geradores de tema é a vida que, assim como a morte, se fazem presentes sob as mais diversas formas, porém duplamente presentes. Tal figura nos remete a “...*todos os filhos e netos que não-de nascer*” (CHIZIANE, 1999, p. 15), ou seja, o futuro nascimento de crianças configura a vida, a qual se faz presente também em “...deliciar-nos-emos com o contador de histórias, dando tempo para que os papás se amem e nos brindem com um novo irmãozinho na próxima estação” (CHIZIANE, 1999, p. 15). A chegada de uma criança é a representatividade da vida em toda sua plenitude, assim como o germinar: “*A vida germinou, floriu...*” (CHIZIANE, 1999, p. 15).

1.2. O Marido Cruel.

Em *A literatura e a vida social* (Literatura e Sociedade), Antônio Candido, refletindo sobre como certos fatores externos ao texto podem ser relevantes para sua compreensão, afirma

que “... sem este dado externo, relativo à situação concreta de execução, sua carga semântica vê-se comprometida” (CHIZIANE, 2000, p. 28).

Pode-se pensar que Candido (2000) chama a atenção para a situação concreta de produção e recepção do texto, entendendo, assim, a literatura (em seu sentido amplo) como uma forma de comunicação. Os sentidos do texto não estão nele contidos, mas se produzem na relação com o receptor dependendo, de igual modo, de recursos por ele mobilizados. Os sentidos do texto acabam de depender, portanto, de seu “uso”. Vargas Llosa segue sua reflexão sobre o dado escondido, tratando dos limites ou equívocos da representação realista e sugere que “...a expectativa de que a ficção corresponda à realidade, retratando de forma objetiva, a possibilidade de que tudo seja dito” (LLOSA, 2006, p. 159).

O texto *O Marido Cruel* é a história fundante do Prólogo do Romance Ventos do Apocalipse. Seu contexto gira em torno de um marido que, em meio à calamitosa situação de guerra, fome e miséria total, encontra alimento e o nega à esposa e aos filhos, os quais “*definham*” dia após dia. Para contextualizar a micro história dentro da história Moçambicana, é preciso que se remeta ao período colonial vivido por Moçambique quando vários problemas assolaram o país, como moléstias e a fome. Grande parte das características demográficas da população só podem ser, devidamente compreendidas, se situadas no contexto mais amplo das transformações sociais, econômicas e culturais ali ocorridas, tanto no período pré-colonial quanto nas duas décadas que se seguiram à independência, em 1975.

Um componente importante resultante desse processo são as migrações, notadamente os movimentos externos e internos da população, causados pelo conflito armado que durou cerca de uma década e meia depois das eleições gerais em 1994. É sabido que estes movimentos migratórios são fenômenos histórico-estruturais e que marcaram fortemente o desenvolvimento da população moçambicana.

O conflito armado mais recente gerou fluxos migratórios bem delimitados e, sem dúvida, com intensas implicações para o processo de urbanização, para o Estado e para o ritmo de crescimento da população, dentre outros aspectos demográficos. Estima-se que grande parte da população tenha sido forçada a se deslocar das suas áreas de moradias.

Nos anos de 1990, a seca e a guerra provocam a fome em larga escala, dizimando grandes contingentes populacionais. A desesperança, a fome, a insegurança, a morte e a dor são elementos do cotidiano do moçambicano. Neste ano a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) abandonou a referência ao socialismo e adotou a economia de mercado, além de legalizar os partidos políticos. As negociações com a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) foram iniciadas e a paz foi assinada em 1992, pondo fim a uma era de aproximadamente vinte e sete anos de guerra contra os colonizadores e entre si mesmo.

Na sociedade em que vivemos, a morte e o medo fazem parte do cotidiano das pessoas. Tudo é feito para se aumentar os anos de vida, embora, nesta mesma sociedade, reine uma cultura de morte: o aumento da indústria bélica, o tráfico de drogas, a violência desenfreada

e o desrespeito ecológico. Na cultura africana, por seu turno, as concepções de vida e morte têm interpretações distintas daquelas da cultura ocidental.

Em África, o morrer com idade avançada e ter um funeral digno, com muita festa, são sinônimos de uma boa morte. Para os povos Iorubá, Fon, Bantu, assim como para outras nações africanas, a morte em si não é o fim, mas um momento de vivo contentamento, pois é o momento de encontro da pessoa com seus ancestrais. Diferentes culturas e sociedades possuem concepções próprias do tempo, dos fatos acontecidos, do transcurso da vida e da morte. As sociedades de cultura mítica têm uma noção de tempo circular, acreditando que a vida é uma eterna repetição do que já aconteceu num passado remoto narrado pelo mito. Logo, as noções de tempo ligada à noção de vida e morte diferem das noções de tempo no Ocidente.

Os termos vida e morte são trazidos para a análise, por sua vez, pois permeiam todo o texto *O Marido Cruel*, ressignificado pela sobrevivência. Os temas morte e vida aparecem na narrativa iniciados pelo narrador, rememorando a vida como algo que, em alguma época, fluirá normalmente. Remete para um aspecto sublime da vida. Mas logo em seguida, deixa claro para o leitor que foi a partir das “infâmias das novas gerações [que] os deuses começaram a vingarse...” (CHIZIANE, 1999, p. 16). A autora aqui ironiza, nos temas pressupostos, a triste situação que assolara Mangana, “terra de paraíso”, de modo que “As pessoas caíam como cajus maduros” (CHIZIANE, 1999, p. 16). E que só “Depois de muito sofrimento as chuvas voltaram a cair e os campos ficaram verdes de novo” (Chiziane, 1999, p. 17).

Em Mangana, a chuva é ícone de vida. Quando chove, há vida. E com a chegada da chuva, tem-se vida, novamente. Assim, tendo condenado a atitude criminoso do marido, a mulher diz em voz alta: “– *Homem que mata jamais merecerá o meu perdão*” (CHIZIANE, 1999, p. 18). O ato de matar apontado pela mulher trata-se do fato de o marido negar a comida à esposa e aos filhos, tendo ele encontrado alimento e comido sozinho “*enquanto todos definhavam*”.

“Há muitas gerações passadas, os homens obedeciam às leis da tribo, os reis tinham poderes sobre as nuvens, o negro dialogava com os deuses da chuva, e Mananga era terra de paraíso. O verde dos campos era exagerado, e as águas desprendiam-se por todas as ravinas” (Chiziane, 1999, p. 16).

1.3. Mata, que amanhã faremos outro

O termo “Infanticídio” significa “morte de criança” nos primeiros anos de vida. Ao longo da história este termo foi caracterizado pela morte induzida, permitida ou praticada, pelos mais variados motivos sociais e culturais. Pode-se observar, por exemplo, o caso da África, onde a prática está ligada a sobrevivência não sendo, portanto, um fato isolado e/ou uma experiência atual. Dentre as várias áreas que se permite abordar o assunto, a antropologia é a que mais possui formas de analisar práticas e costumes de um determinado povo. E, para isso, se vale de duas correntes teóricas que avaliam o fato.

A primeira corrente é denominada “relativismo cultural”, a qual foi desenvolvida, inicialmente, por Franz Boas, o qual defende que cada cultura pesa e julga a si mesma, portanto a prática do infanticídio não poderia ser considerada certa ou errada, mas sim aceita ou rejeitada socialmente. E, novamente, podem-se citar aqui os casos de infanticídios em África que, culturalmente falando, ainda carrega o sangue de inúmeras crianças mortas ao longo dos anos, em especial nos seus períodos de guerra.

A segunda corrente se ilumina pela defesa da fundamentação da universalização ética e pressupõe que o homem, a sociedade e a cultura pertencem a algo maior: à sociedade humana. Esta sociedade humana é detentora de valores universais, como a dignidade e a busca pela continuidade da vida.

Logo, no caso da África, fica difícil adotar determinado posicionamento e/ou corrente mais correta, pois as razões para as causas de infanticídios são as mais diversas, desde os mais conhecidos, a questionáveis rituais e à sobrevivência. O alto índice de infanticídio em toda a África é algo, realmente, gritante e nos faz questionar o porquê de ainda encontrarmos casos, nos dias atuais, do elevado número de mortes de crianças. O permanente estado de fome e miséria ainda funciona como um acalentador, mas não se pode negar que o alto índice de morte de crianças é elevado.

Uma investigação recente, cujo título era “*Diferenças de gênero no homicídio de recém-nascidos, bebês e crianças menores de 5 anos na África do Sul,*” foi publicado no final de abril na revista PLOS Medicine, revelou que:

“[...] o abandono e a morte de crianças na África é um fenômeno recorrente, e não composto por atos isolados”.. Dentre as crianças mortas em 2009, “[...]74,4% tinham menos de 1 ano, e mais de metade eram recém-nascidos (menos de 27 dias de vida). Entre estes últimos, 84,9% foram abandonados na rua, e só seis conseguiram superar a primeira semana de vida”.

O texto em análise, cujo título é “*Mata, que amanhã faremos outro*” é um ditado popular que acabou se naturalizando em Moçambique. Neste, há a narrativa de uma atitude comportamental que, dada à situação de guerra e luta pela sobrevivência, se tornou comum naquele lugar. Trata-se da morte de crianças pelas suas mães, a “pedido” de seus pais que, para não serem descobertos pelos soldados do exército de guerra, “solicitavam” às esposas que matassem seus próprios filhos, pois depois fariam outros.

“*Este é o ditado do velho império de Gaza, que se tornou célebre, sobrevivendo a muitos sóis e muitas luas e, como o grão, semeado de boca em boca, até nossos dias*” (CHIZIANE, 1999, p. 18). Pode-se notar, nesta passagem textual, a incidência de algumas referências temáticas. Aqui, a autora assume, plenamente, a circunstância histórica como tema, em toda sua singularidade. Não há como abstrair da leitura o fato de que Chiziane faz alusão ao horror e às implicações calamitosas que o povo moçambicano passou no período histórico da guerra civil em Moçambique

em 1976. É a partir desse cenário recortado por guerras que a vida e a morte estavam em pauta do dia a dia que Paulina Chiziane constrói o seu texto.

Ainda sobre os temas, temos: “*Com gestos desesperados, a mulher puxava a ponta da capulana, sufocando a crença que se batia até a paragem respiratória*” (CHIZIANE, 1999, p. 19). A indiferença perante a morte das crianças, apenas descreve o comportamento dos maridos quando solicitavam que as esposas matassem as crianças, uma vez que a história é narrada sem que o narrador apresente seu ponto de vista. Tal posicionamento postula o que preceitua a narrativa oral, de que é necessário conhecer os valores culturais locais para saber se o que está sendo contado configura uma atitude positiva ou negativa.

A zona antrópica que prevalece é a de distanciamento. A morte, por sua vez, desempenha papel de objeto transacional, pois era algo que o povo de Mananga não queria alcançar. Assim, “*... As populações em bando fugiam para cá e para lá, procurando refúgio no interior da savana*” (CHIZIANE, 1999, p. 18).

1.4. A ambição de Massupai

O terceiro texto que constitui a parte introdutória da obra *Ventos do Apocalipse* (1999), de Paulina Chiziane é intitulado *A ambição de Massupai*. O construto trata-se de uma bela mulher, negra e ambiciosa que, para conseguir ser a única esposa do general do exército de Muzila, trai sua tribo e mata seus filhos, a pedido do general, terminando louca e sozinha. O general de Muzila também planejara a traição para conquistar as terras do Save até o Limpop, isto é, do rio Limpopo, o segundo maior rio da África austral, o qual serve de fronteira entre a África do Sul, o Botswana e o Zimbábwe.

O Estado de Gaza era conhecido como império de Gaza e englobou toda a costa dos rios Zambeze e Maputo, cuja capital era a província de Gaza. Fundada por Manicusse, entre os anos de 1821 e 1858, causou grande revolta na sociedade, o que culminou em imigrações para territórios vizinhos (MARGARIDO, 1980). Em 1862, Mossurize passa a ser a capital de Gaza, devido à instabilidades entre as regiões, além da fome e de epidemias, resultantes da guerra civil. Nesse período, “[...] *a capital de Gaza passa para Mossurize, onde Gungunhana, filho de Muzila sobe ao poder*” (MARGARIDO, 1980, p.147). Logo, em 1889 a capital de Gaza passa a ser Manjacaze, cuja estrutura era administrada pelo rei com o apoio da rainha, da família real, dos governadores provinciais, dos conselheiros e dos comandantes militares.

Adentrando no universo dos procedimentos de tematização e figurativização, verifica-se que os acontecimentos narrados possibilitam a emergência de temas, a partir de seus conteúdos. O tema *beleza* é figurativizado no texto através dos lexemas que expressam a qualidade da chope Massupai. Observem-se os termos e expressões qualitativos que caracterizam a beleza:

...a negra **sereia** das terras chopes (CHIZIANE, 1999, p. 20).

A sua beleza resplandecia como **diamante** à luz do dia (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Ela era **a mais bela** entre as cativas; e ainda **mais bela** que as nobres ngunis esposas dos guerreiros (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Os grandes disputaram posse do **corpo mais soberbo que os deuses moldaram** sobre a terra...” (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Na sua vida nunca possuía **mulher tão perfeita...** (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Depois faremos outro filho que terão a **tua beleza** e a minha valentia (Chiziane, 1999, p. 21).

Massupai regressou à sua aldeia natal, vendeu a **sua beleza** aos guerreiros chopes, e os homens **hipnotizados** (com a beleza de Massupai) ... (CHIZIANE, 1999, p. 21).

Imbricado ao tema *beleza*, emerge o tema *ambição*. Observe-se o contexto das figuras que testemunham este tema:

Massupai vendeu cara a sua beleza, e **entregou-se ao general, que era o homem mais poderoso de todos os homens** (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Massupai passou a vestir **capulanas vermelhas e missangas de luxo**, trajes reservados só a primeira-dama (CHIZIANE, 1999, p. 20).

A **ambição** de Massupai progredia sem limites e a loucura do homem aumentava (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Com a minha valentia, **conquistarei** territórios, **dominarei** todas as tribos... (CHIZIANE, 1999, p. 21).

Serei rei de todos os reis e **proclamar-te-ei** mãe de todas as mães (CHIZIANE, 1999, p. 21).

Movidos pela ideia da ambição, Massupai e o General acabam por revelar o tema *morte*, resultante dos seus planos para derrubar o rei Muzila e, assim, tornar-se rei. A figurativização encontra sentido nos lexemas *silenciando*, *enfeitizar*, *aniquilar* e *sangue*.

Elas odeiam e, a qualquer dia, acabarão por **enfeitizar-me** (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Escuta o meu plano: **silenciando** os teus filhos, seremos mais livres para o amor (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Podes ajudar-me a **aniquilá**-los (CHIZIANE, 1999, p. 21).

Os **sangues** dos chopos regou todas as savanas... (CHIZIANE 1999, p. 21).

Que seja **silenciado** ao pôr do Sol à vista de toda a gente. (CHIZIANE, 1999, p. 20).

Outro tema que emerge é o da *loucura*, figurativizado pelo próprio lexema *louca*. Observe-se:

Sem a inteligência e a beleza dessa **louca**, os poderosos chopos... (CHIZIANE 1999, p. 22).

Massupai **enlouqueceu** e começou a revolver as sepulturas com as mãos... (CHIZIANE, 1999, p. 22).

1.5. 1.5. Maxwela ku hanya! U ta sala u psi vona (Nasceste tarde! Verás o que eu não vi)

A parte primeira (I) da obra em análise, é iniciada pelo provérbio tsonga “Maxwela ku hanya! U ta sala u psi vona”, que quer dizer “Nasceste tarde! Verás o que eu não vi!”. Consoante já mencionado aqui no estudo, é muito comum os provérbios e ditados populares darem início aos textos, muitas vezes sem título, como é o caso deste. Essa parte da obra trata, de forma cruel e mísera, o terrível estado de fome e seca que assolara Mananga, obrigando os nativos da região a recorrerem a antigos rituais utilizados pelos seus antepassados para fazer chover, como o *Mbelele*.

O *Mbelele* é uma cerimônia antiga destinada aos espíritos para fazer chover. Diante da escassez nefasta de chuva e, conseqüentemente, fome, pois se tratando de aldeias rurais cuja base econômica local deriva da terra, a chuva se fazia indispensável para o sustento e manutenção local. Sendo assim, o texto trata de um antigo régulo, o Sianga, que em meio a tamanha miséria se vê obrigado a resgatar e reavivar o rito ancestral — o *Mbelele* — na tentativa de que os deuses da chuva ouçam o clamor do povo que o venera e faça chover.

Responsáveis pelos níveis de concretização do sentido do texto, o número de figuras e de temas poderá determinar se o texto é, predominantemente, figurativo ou temático. No que tange à figurativização e à tematização, poder-se-ia dizer que na narrativa em análise, as figuras se sobrepõem aos temas, uma vez que neste há a predominância de elementos concretos, como a menção da ausência da comida, a presença da fome, a realização do lobolo para possível obtenção de alimento e a organização do *mbelele*. Entretanto, os temas apontados são figurativizados por elementos pontuais, com nomes especificamente próprios e representados por pessoais reais. São eles: Sianga, Wusheni e Minosse.

Quanto à tematização, é sabido que para as figuras terem sentido, elas precisam ser concretizadas em um ou mais temas. No texto em análise, nota-se uma variedade de traços

semânticos concretos que remetem sempre a um tema subjacente, que é a fome devastadoras das terras de Mananga. Se contextualizadas, as figuras que permeiam todo o compósito textual fazem parte de um mesmo campo semântico remetendo, assim, ao tema supracitado.

O tema *fome* é figurativizado no texto através dos lexemas que expressam a ausência de comida, no entanto, é predominante o uso explícito do próprio vocábulo. Observem-se as expressões qualitativas em que a fome se caracteriza:

Minosse wê, foi a fome que te ensurdeceu? (CHIZIANE, 1999, p.27).

Prepara-me algo para matar a fome, rápido? (CHIZIANE, 1999, p.27).

Oh, Sianga, pai de Manuna, chegou o tempo de comer as crostas da nossa lepra. Foi ontem mesmo que engolimos os últimos grãos de milho, juro (CHIZIANE, 1999, p.27).

Pedi-te comida, mãe de Manuna, não te pedi lamentos. Vamos, traz-me algo para enganar as tripas e aquecer o estômago, minha cabra” (CHIZIANE, 1999, p.27).

Se comemos os frutos dessas árvores, por que não podemos comer também as folhas? (CHIZIANE, 1999, p.28).

Os ratos mastigam qualquer coisa em qualquer lugar e vão engordando à custa de nosso sofrimento, porque é que não roem também a desgraça da gente? (CHIZIANE, 1999, p.28).

Em vez de estares aí a tratar-me como um diabo velho e feio devias mas é dar-me de comer (CHIZIANE, 1999, p.29).

Quem escapa da fome não escapa da guerra; quem escapa da guerra é ameaçado peça fome (CHIZIANE, 1999, p.58).

_ Ide! E quando a fome apertar mais, arrancai os vossos pentelhos um a um, e alimentai os vossos filhos (CHIZIANE, 1999, p.61).

1.6. *A siku ni siko li ni psa lona* (Cada dia tem sua história)

Após a independência de Moçambique em 1975, o trânsito das populações dentro das fronteiras internas intensificou-se, devido à guerra civil que prosseguiu com diversos impactos populacionais. Os impactos eram desde mudanças climáticas a mudanças ambientais, transformando, assim, a paisagem local Um conflito armado de dezesseis anos impactou, fortemente, a área rural de Moçambique, que era assolada principalmente pela seca, além de diversas consequências socioeconômicas e culturais.

A imperfeição rural, arrolada à pobreza, doenças calamitosas, fome brutal e à guerra desembocaram nos processos migratórios dentro e fora das aldeias. Consoante OGOT (2010),

os pressupostos causais do processo migratório em Moçambique englobando vários segmentos da sociedade – indivíduos, famílias inteiras e os grupos de aldeões – são complexos. Ademais as causas da migração, no continente africano, destacam-se como principal grupo de migrante, os refugiados. Estes são indivíduos, ou famílias inteiras, que fogem da área de conflito, da fome e da seca e que veem as cidades e as vilas moçambicanas como atrativas, pois oferecem melhor infraestrutura socioeconômica e cultural.

Sendo assim, a II parte textual aborda esse processo migratório de famílias inteiras (e dilaceradas) em busca de um lugar promissor. Um local em que não haja guerra (ou pelo menos estejam protegidos dela), em que haja paz e alimento para matar a fome que castiga, tão brutalmente, o povo de Mananga. A narrativa conduz a trajetória de um povo desapossado de tudo, porém que ainda preserva a esperança de uma vida promissora.

A narrativa de *A siku ni siko li ni psa lona*, que quer dizer “Cada dia tem a sua história”, centra-se, justamente, partida do povo de Mananga, que é chamado, na tessitura textual, de Monte, o lugar da promessa. O lugar que, ao longo da marcha, é descrito pelo povo como cheio de vida, sem dores nem lágrimas. Um lugar onde as pessoas possam viver como um pouco mais de dignidade humana, algo já esquecido por muito e desconhecido por outros.

Adentrando no universo dos procedimentos de figurativização e tematização, verifica-se que os acontecimentos narrados possibilitam a emergência de temas a partir de conteúdos que se inter-relacionam. O tema *morte* é um dos temas mais recorrentes em toda a narrativa, permeando-a da presença do próprio lexema, ou do verbo dele derivado, que figurativiza todo o texto mediante suas flexões. Vejam as citações abaixo:

Meu Deus, sempre sonhei **morrer** na esteira ao lado da família. Achas que eu também vou **morrer**, meu rapaz? (CHIZIANE, 1999, p.156).

Não se deve pensar assim, avó. Só se **morre** quando chega a hora (CHIZIANE, 1999, p.156).

Mas a criança vai chorar, e se o invasor estiver por perto saberá que estamos aqui [...].**Morrerão** todos por causa de um filho que é meu (CHIZIANE, 1999, p.159).

Ergue os olhos para o céu suplicando a misericórdia divina, ele ainda é demasiado jovem para **morrer** (CHIZIANE, 1999, p.16)

Esta não **morreu** agora, a poça de sangue se tornou pedra (CHIZIANE, 1999, p.169).

O tema *migração*, por sua vez, é o tema que apresenta a maior variedade de figuras presentes no texto. Por se tratar da parte II da obra **Ventos do Apocalipse**, a qual descreve a saída do povo de Mananga em peregrinação para a aldeia do Monte, os lexemas: *viajantes; marcha;*

caminhada e partida, seguidos de suas derivações e flexões verbais, figurativizam e reafirmam o tema supracitado. Vejam-se, a seguir, os exemplos extraídos do texto:

Os **viajantes** permanecem calados, vão-se conformando à medida que percorrem maiores distâncias (CHIZIANE, 1999, p.151).

A **partida** tem sabor de areia solta, a poeira seca, o Sol é demasiado forte e o calor destila (CHIZIANE, 1999, p.148).

Na **marcha**, o zurro do burro, o mugir da vaca, o ladrar do cão, o cacarejo da franga no cesto de quem transporta e o silêncio dos homens tornam a **procissão** ainda mais estranha (CHIZIANE, 1999, p.148).

Quando o Sol se põe, sentem que já **caminharam** muito, mas não sabem que distância fizeram... (CHIZIANE, 1999, p.149).

Caminham apenas para o prolongamento da miséria, **caminhamos** todos... (CHIZIANE, 1999, p.157).

A **marcha** prossegue, mas há um grupo que ficou atrás (CHIZIANE, 1999, p.163).

A **viagem** para o Monte é feita aos ziguezagues com o coração em permanente sobressalto.... (CHIZIANE, 1999, p.165).

A noite chega e os homens preparam-se para a **partida**... (CHIZIANE, 1999, p.175).

No décimo quinto dia, os **viajantes** não **marcham**, arrastam-se (CHIZIANE, 1999, p.180).

Os **viajantes** tentam repousar, o estômago está alerta, não adormece, incomoda (CHIZIANE, 1999, p.178).

Na **viagem** fantasma, a velha Minosse via à frente e nem os homens fortes conseguem seguir os passos dela. **Caminha** leve como uma pena (CHIZIANE, 1999, p.155).

Dentro desse contexto fratricida, as figuras *guerra, helicóptero, bombas, soldados e aeronave* imbricam e validam a temática da *guerra*, caracterizadora do período pós independência de Moçambique, nos anos 80. Tal conflito tornou-se excepcionalmente brutal e deixou consequências extremamente negativas e dramáticas para o país. Na década de 90, milhões de pessoas já tinham morrido e muito abandonado os campos ou saídos do território. Tais fatos influenciaram explicitamente a escrita da moçambicana, que reativa o tema da *guerra*, mediante as figuras supracitadas, as quais podem ser verificadas a seguir:

_Os **helicópteros** que passaram aqui lançaram mais **fogo** que todos os dragões juntos, eu vi (CHIZIANE, 1999, p.161).

O primeiro **helicóptero** fez um voo rasante [...] Lançou **rajadas de bombas** que caíram certas sobre os homens que se abrigavam. Os **soldados** movimentaram-se... (CHIZIANE, 1999, p.164).

Os rebeldes fogem em debandada. O quarto **helicóptero persegue e elimina** um a um (CHIZIANE, 1999, p.164).

Pouco olhos observaram a agonia da **aeronave** incendiando-se ao longe. [...] **Soldados** e população foram transformados em postas (CHIZIANE, 1999, p.164).

Os males da **guerra** ainda não atingiram a elegância moral dos seus habitantes (CHIZIANE, 1999, p.187).

_Deus existe sim [...]Deus é um refugiado de **guerra**. Se chega a ponto de ser **refugiado de guerra** é um Deus fraco (CHIZIANE, 1999, p.189).

A **guerra** deve tê-la traumatizado a fundo (CHIZIANE, 1999, p.237).

2. Conclusão

Ventos do Apocalipse é uma obra literária que reflete a situação de Moçambique após a independência e, na qual, um moçambicano mais se reconhece. Não podemos dizer que se trata de uma obra perfeita, mas serviu de fundação e modelo ao romance moçambicano contemporâneo, escrito a partir da ótica de uma mulher que surge, justamente, quando o espaço literário era preenchido por vozes masculinas.

Ela incluiu, em sua narrativa, temas como poligamia, rituais, convenções sociais e a condição da mulher em África. O cotidiano e a realidade local foram a principal fonte de inspiração de Paulina. As temáticas e as figuras discursivizadas, além de proferirem uma recuperação simbólica, são uma forma de afirmação de uma cultura que foi subjugada. Nesse sentido, é importante pontuar que os temas, bem como as figuras trabalhadas pela autora, têm significações culturais muito bem arroladas. Logo, prezar esse domínio é uma maneira de respeitar e reconhecer subsídios importantes para a reelaboração de uma cultura nacional.

O texto analisado apresenta a guerra como monstruosa e tem como consequência tem um dos temas mais recorrentes de toda a narrativa que é a diáspora: populações inteiras são afastadas de suas aldeias em busca de um lugar de promessa, dando origem a uma imbricação de gêneros, religião, cultura e língua que caracteriza, fortemente, a existência de um cosmopolitismo cultural, significativamente evidentes por sua tematização e figurativização.

3. Referências Bibliográficas

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. O Gênero Literário de Expressão Popular. In ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Izabel de Souza Leão (Orgs.). **Valores Literários de Ontem e de Hoje**. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2015. p.p. 245-258.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita.. Os Discursos Etnoliterários: o Fazer Intersubjetivo e a Produção do Saber. **Acta Semiótica et Linguística**, v.18, nº 2, 2013. p.p. 158-171.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita. Zonas antrópicas de identidade, proximidade e distanciamento culturais em textos populares correntes na região Amazônica In: **Acta semiótica et linguística**, vol.14, ano 33 nº 1, 2009. p.p. 246 – 257.

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita.; RASTIER, François (Orgs.). **Semiótica e cultura: dos discursos aos universos construídos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2015.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. (1995). Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista. In: CHABAL, Patrick. **Vozes Moçambicanas. Literatura e Nacionalidade**. Lisboa; Veja, 1994, p. 292-301.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.

LLOSA, Vargas Mario. **Cartas a um jovem escritor**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudo sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa: A regra do Jogo, 1980.